

Memórias e reflexões sobre o ensino de piano na FAMES: uma entrevista com Isa Boechat

Memories and Reflexions on Teaching Piano at FAMES: an Interview with Isa Boechat

Paula Rubia Bianchi

Sam Houston State University

E-mail: prbo26@shsu.edu

 C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0448169436939158>

 Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6839-1495>

Fernando de Oliveira Magre

Faculdade de Música do Espírito Santo

E-mail: fernandomagre@gmail.com

 C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1498625137838487>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1608-1389>

Recebido em: 15/03/2025

Aprovado em: 17/12/2025

RESUMO

Nesta entrevista, Isa Boechat, professora de piano emérita da Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira" (FAMES), reflete sobre sua trajetória na Instituição como docente e gestora. A entrevista insere-se em uma pesquisa para a realização de Trabalho de Conclusão de Curso sobre o ensino de piano erudito na FAMES e o preparo do pianista para o mercado de trabalho. Assim, a entrevistada reflete sobre a história do ensino de piano no estado, sobre o campo profissional para o bacharel em música com ênfase em piano, bem como sobre os desafios de ser músico na atualidade. Ao refletir sobre sua trajetória musical, integralmente vivenciada na FAMES, Isa Boechat oferece, com esta entrevista, um importante documento para registrar a memória da Instituição.

PALAVRAS-CHAVE

Piano; Mercado de trabalho; FAMES; Ensino de piano; Espírito Santo.

ABSTRACT

In this interview, Isa Boechat, piano professor emeritus at the Espírito Santo College of Music "Maurício de Oliveira" (FAMES), reflects on her career as a teacher and manager at the institution. The interview is part of a research project on classical piano teaching at FAMES and the preparation of pianists for the job market. Thus, the interviewee reflects on the history of piano teaching in the state, on the professional field for a bachelor in music with an emphasis on piano, and on the challenges of being a musician today. By reflecting on her musical career, which she experienced entirely at FAMES, Isa Boechat offers, with this interview, an important document to record the memory of the institution.

KEYWORDS

Piano; Job market; FAMES; Piano teaching; Espirito Santo.

Introdução

Esta entrevista foi realizada no dia 19 de agosto de 2024, no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso *O bacharel em piano formado pela FAMES e sua inserção profissional no Espírito Santo* defendido por Paula Rubia Bianchi sob orientação de Fernando de Oliveira Magre na Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (FAMES).

O trabalho teve por objetivo investigar as relações entre a formação em Piano Erudito oferecida pela FAMES e a atuação profissional dos graduados. A pesquisa surgiu a partir de uma inquietação pessoal da autora Paula Bianchi enquanto aluna finalista do curso de Bacharelado em Música com habilitação em Piano, ao perceber as dificuldades de inserção no mercado de trabalho e a necessidade de um alinhamento mais estreito entre o currículo acadêmico e as demandas do campo profissional. A justificativa para essa investigação se deu pela percepção de que o ensino do piano erudito no Espírito Santo ainda carece de uma reflexão mais profunda, especialmente sobre a preparação dos alunos para as múltiplas possibilidades de atuação profissional, e a falta de pesquisas focadas especificamente neste tema na região.

A entrevista com Isa Boechat, professora emérita da FAMES e figura central na história da instituição, se destaca como uma das principais fontes de dados desta pesquisa. Sua vivência acadêmica e profissional oferece uma perspectiva única sobre a evolução da formação musical no Estado. Isa, com sua longa trajetória na FAMES, não apenas compartilha suas visões sobre o desenvolvimento pedagógico e curricular da instituição, mas também destaca o impacto da música erudita na sociedade e a transformação que a FAMES vivenciou ao longo das décadas. Sua experiência reflete os desafios enfrentados pelos alunos, bem como as oportunidades e limitações da carreira de pianista no Espírito Santo, fornecendo uma base sólida para as discussões centrais desta pesquisa.

Assim, esta entrevista busca contribuir para uma compreensão mais ampla da formação pianística na FAMES e de seus reflexos no percurso profissional de seus egressos.

Paula Bianchi: Para começar, a senhora ingressou na EMES como professora no curso preparatório, mas também estava cursando o ensino superior, certo?

Isa Boechat: Sim. Para a escola ser reconhecida oficialmente, alguns professores precisaram fazer cursos fora daqui. Eu estudei com o professor Luiz Henrique Senise, no Rio de Janeiro, na pós-graduação, e depois com o Alfredo Cerquinho, em São Paulo. Todas nós, professoras, tivemos que fazer esses cursos para regularizar nossa situação e permitir que a escola fosse reconhecida. Na época, não havia um plano de carreira bem definido, mas, durante o governo de Élcio Álvares, fizemos provas de pós-graduação e fomos elevadas ao cargo de titular. Hoje, para alcançar esse cargo, é necessário ter doutorado.

Meu bacharelado foi aqui em Vitória, com a professora Célia Ferraz. Paralelamente, eu dava aulas particulares e na Faculdade de Música, com um regime de 40 horas semanais, sendo 20 horas dedicadas às aulas. Também fui chefe do departamento de piano, organizando a distribuição de alunos entre as 12 a 14 professoras. Acompanhava a vida acadêmica dos alunos e coordenava as provas bimestrais, que eram realizadas com bancas examinadoras. Na graduação, as avaliações eram feitas através de recitais.

Foi uma época muito produtiva para a faculdade de música. Havia grande interesse pelo piano erudito, e muitos alunos abriram escolas particulares como forma de sustento, além de tocar em casamentos e outros eventos. Era uma época rica culturalmente, com muitos recitais e concertos.

P: Isso foi na década de 70, certo?

I: Sim, foi uma época de muita movimentação cultural, com muitos artistas visitando a cidade. Hoje, sentimos falta desse ambiente. Durante esse período, assumi vários cargos: Chefe de Departamento, Diretora e Assessora Acadêmica. A escola era como uma segunda casa para mim. Gostava de ajudar as pessoas e, muitas vezes, acabava atuando como uma espécie de psicóloga, ouvindo os alunos em momentos difíceis.

Também me envolvi em várias polêmicas na faculdade, especialmente no departamento de piano, que era mais conturbado. As reuniões de congregação, equivalentes ao atual Conselho Acadêmico, eram bastante intensas, com debates acalorados entre os chefes de departamento. Hoje, olhamos para trás e rimos das situações daquela época, mas éramos jovens e cheios de ideias.

Naquele tempo, as mulheres eram criadas para casar e ter filhos, mas eu segui um caminho diferente. Cheguei a cursar geografia em Londrina por um ano, mas decidi voltar para Vitória, onde já tinha familiares, e entrei na faculdade de música. A partir daí, nunca mais parei.

P: Como foi sua trajetória antes de ingressar na faculdade, tanto como professora quanto aluna? A senhora mencionou que fez o curso do Conservatório Brasileiro de Música, mas como começou no piano? Por que escolheu esse instrumento?

I: Sou mineira, de Manhumirim. Naquela época, nas cidades mineiras, era comum as moças estudarem piano, quase como um dote. Minha mãe tocava na igreja, já que somos evangélicos, e foi assim que comecei. Lembro de ensaiar muito para tocar o primeiro hino da igreja. Tínhamos um piano em casa, e minha mãe e avós também tocavam. A música sempre esteve presente na família.

P: Então o piano sempre fez parte da sua vida.

I: Sempre. Desde criança, via minha mãe tocar e fui incentivada a estudar. Gostei e continuei. Quando fiquei em Londrina, senti muita falta do piano, então vim para Vitória com o objetivo de entrar na faculdade de música. As coisas se encaminharam naturalmente. Entrei para substituir uma professora doente e acabei ficando. Fiz graduação, pós-graduação e assumi vários cargos, como chefe de departamento. Era um trabalho desafiador, pois não tínhamos computadores; tudo era feito manualmente. Mas foi uma época muito gratificante.

P: E como era a rotina de trabalho?

I: Precisávamos cumprir 40 horas semanais, sendo 20 horas de aula e o restante para planejamento e reuniões. Como chefe de departamento, eu coordenava os professores, organizava vestibulares, recitais e resolvia questões do dia a dia, como trocas de alunos e ajustes de horários. Era como administrar uma casa. Eu tinha facilidade para lidar com as pessoas, sempre focando no lado positivo de cada uma.

P: E como foi o início na faculdade?

I: Comecei na Praia do Canto, no Grupo Escolar Maria Horta. Quando cheguei a Vitória, morava em república e não tinha piano. A diretora, professora Anny [Cabral], me emprestava a chave da faculdade para eu estudar lá. Fiz muitas amizades e me envolvi

profundamente com a vida acadêmica. Dava aulas particulares, pegando ônibus pela cidade. Era uma correria, mas muito gratificante. Até hoje encontro ex-alunos que lembram desses momentos.

P: E como era a relação com os alunos?

I: Acredito que um professor deve ter carinho e afeto pelo aluno, não apenas pelo que ele faz, mas pela pessoa que ele é. É nossa responsabilidade extrair o melhor de cada um. Nunca tive problemas de empatia com os alunos; sempre me envolvi com todos. Além de dar aulas, eu coordenava o departamento, o que exigia ainda mais dedicação. A direção era escolhida por eleição interna, o que gerava muita responsabilidade e, às vezes, conflitos.

P: Em relação ao contexto institucional da FAMES, desde sua fundação em 1954, a escola enfrentou muitos desafios, como a falta de sede própria e instalações inadequadas. Somente em 1970, na gestão de Anny Cabral, a escola foi regulamentada como autarquia, e o principal objetivo passou a ser conquistar uma sede própria para o reconhecimento do curso superior. Gostaria que a senhora comentasse sobre esses entraves institucionais, tanto do ponto de vista pessoal quanto como professora recém-admitida, e também sobre a relação entre política e instituição. Como os gestores da FAMES lidavam com o executivo estadual naquela época?

I: Quando entrei na FAMES, Anny Cabral era a diretora. Ela era uma pessoa equilibrada, honesta e disciplinada, mas, na época, eu não entendia muito sobre as reuniões que ela tinha com secretários e políticos. Eu dava aulas e não estava diretamente envolvida nesses processos. Quem sabe mais sobre isso é a dona Vera Camargo, esposa do ex-diretor Alceu Camargo. Ela tem 102 anos e uma memória incrível, pois trabalhou na escola como violinista por muitos anos. A FAMES sempre dependeu muito da relação dos diretores com políticos. O Estado nunca deu muita atenção à Faculdade de Música, então era preciso insistir muito para conseguir algo. Diretores como Anny, Vera e Gracinha [Maria das Graças Neves] conseguiram muitas coisas através dessas alianças. Na minha época como diretora, entendi melhor essa dinâmica, especialmente quando o governo tentou transferir a FAMES para a UFES. Participei de várias reuniões com a comissão da UFES, mas a transferência era

inviável, pois a FAMES tinha desde a musicalização infantil até o curso superior, e a UFES só poderia absorver o curso superior.

P: Houve outras tentativas de integrar a FAMES à UFES, mas nunca deram certo, certo?

I: Sim, porque o modelo da FAMES era diferente. Tínhamos várias etapas: musicalização, curso preparatório, técnico e superior. Em uma dessas tentativas, quase fomos extintos. Descobri por um jornal que havia um decreto pronto para extinguir a FAMES se ela não fosse integrada à UFES. Foi um momento de muita tensão. Apelei a um político, algo que eu não sabia fazer, mas foi necessário. Organizei reuniões com os pais para explicar a situação e, depois, uma grande manifestação na Assembleia Legislativa, com grupos musicais e coral, para pressionar contra o decreto. Tive que falar na tribuna, algo que me deixou nervosa, mas foi um dos dias mais felizes da minha vida, pois conseguimos reverter a decisão. Também conversei com o governador, e a questão foi encerrada: a FAMES permaneceria como estava. Foi um período muito difícil, mas gratificante.

P: Em 1974, a FAMES tinha 276 alunos nos cursos médio e superior, ainda funcionando no Grupo Maria Horta, com limitações de espaço. Naquele ano, formou-se a primeira turma de bacharelado em piano, com seis alunas. Qual era o perfil dos alunos e dos professores de piano na década de 70?

I: Os professores de piano, em sua maioria, vinham de famílias abastadas, da elite. Já os alunos eram, em grande parte, de igrejas, mas também de classe média e alta. Cerca de 80% dos alunos de piano eram de famílias com melhores condições financeiras, pois estudar piano particular para ingressar na faculdade era algo valorizado. O maior feito para um musicista na época era se formar em piano.

P: Eram todas professoras mulheres?

I: Sim, todas as professoras de piano eram mulheres. Cerca de 14 professoras.

P: E entre os alunos, a maioria também era de mulheres?

I: Sim, cerca de 90% eram meninas. Os meninos raramente estudavam piano. As meninas tocavam na igreja e regiam corais.

P: Qual era o objetivo dos alunos ao procurar o curso de piano da FAMES?

I: Primeiro, buscavam um diploma de curso superior. O curso preparatório era intenso, com teoria musical, solfejo e prática. Muitos almejavam ser pianistas, inspirados pelos grandes nomes da música clássica. No entanto, a carreira de solista exigia estudo no exterior, e poucos conseguiram seguir essa trajetória. A maioria das mulheres acabou se casando ou seguindo outras profissões, pois viver da música era muito difícil.

P: E como era a relação com a música popular na época?

I: Naquela época, o ensino era totalmente focado em música clássica. Música popular era malvista, e alguns professores até se incomodavam com o assunto. Só mais tarde foi criado o curso de música popular, mas, até minha aposentadoria em 1998, a FAMES manteve o foco na música clássica.

P: Como era a estrutura do curso de piano? Além das aulas práticas e de teoria, os alunos tinham outras disciplinas?

I: Sim, havia disciplinas como harmonia, história da música e história da arte. Como era bacharelado, não havia licenciatura, e a grade curricular era mais enxuta. Ao longo do tempo, foram incluídas mais disciplinas, e a carga horária aumentou. Na minha época, por exemplo, os alunos só precisavam apresentar um recital para se formar, sem a necessidade de um TCC ou estágios, como é hoje.

P: E como era a documentação dessas disciplinas? Hoje temos o PPC (Projeto Pedagógico de Curso). Naquela época, havia algo semelhante?

I: Tínhamos o Regimento Interno, que detalhava toda a grade curricular, as normas e os procedimentos para provas e avaliações. Era o documento principal que regulamentava o funcionamento da escola. Hoje, muitos desses registros estão no arquivo morto, já que a digitalização no estado só começou em 2006.

P: Algumas publicações destacam a presença expressiva de mulheres na FAMES, especialmente no curso de piano. Como a senhora vê essa questão, tanto como professora quanto no contexto da instituição?

I: Naquela época, as mulheres eram educadas para serem donas de casa e, de preferência, ter algum dom artístico, como piano ou pintura. A maioria das minhas colegas era casada, e muitas dependiam dos maridos até para ir às aulas. Eu fui uma exceção: casei tarde, tive filhos depois dos 40 e priorizei minha carreira. A estrutura social da época era muito diferente; as mulheres eram vistas como subservientes. Ao longo dos anos, isso mudou, e muitas "furaram a bolha". Eu sempre quis dar aula, nunca tive interesse em ser concertista, pois era muito tímida. Mas, com o tempo, superei isso e até assumi cargos de direção.

P: E como era o ambiente na FAMES naquela época?

I: Era muito afetivo, como uma família. Apesar das brigas e polêmicas, todos estavam unidos. Lembro-me de festas, almoços e comemorações, como o dia dos professores e as festas de final de ano. Quando houve a ameaça de extinção da faculdade, essa união ficou ainda mais evidente. Foi um período difícil, mas de muita luta e cooperação.

P: Na década de 70, a EMES passou por mudanças institucionais e teve uma grande atividade artística, como o primeiro concurso estadual de piano em 1978, seminários, Semana da Arte e eventos voltados para a música erudita. O professor Koellreutter, por exemplo, destacou a qualidade dos alunos. Como a senhora vê a importância desses eventos para a história da EMES, do piano e da música erudita no Espírito Santo? E como foi a promoção de eventos durante sua gestão como diretora?

I: Vitória tinha na EMES seu principal centro cultural. Realizávamos muitos seminários, recitais e concursos, trazendo professores renomados de outros estados. Havia uma grande movimentação artística, com eventos como a Semana da Música, que incluía palestras, concertos e competições internas, como o Concurso Anny Cabral (para o curso preparatório) e o Aurea Adnet (para o bacharelado). Eu mesma organizei muitos desses concursos, que eram muito gratificantes. Tudo era feito manualmente, sem recursos digitais, desde a compra de passagens até a reserva de hotéis para os convidados.

P: Esses eventos motivavam os alunos?

I: Sim, muito. A vinda de grandes nomes, como a pianista Myrian Dauelsberg, e a realização de recitais e concertos com orquestras de fora eram um grande incentivo. A professora Maria das Graças, por exemplo, trouxe muitas orquestras e grupos de música de

câmara para Vitória. Tivemos a oportunidade de assistir a pianistas como Nelson Freire e até Astor Piazzolla no Teatro Carlos Gomes. Foi uma época de muita produção cultural de qualidade, algo que hoje sentimos falta.

P: Hoje, há uma redução dessa movimentação cultural?

I: Sim, infelizmente. A construção do Cais das Artes, que está parada, é um exemplo dessa estagnação. Acredito que a falta de eventos prejudica tanto os estudantes de música quanto o Estado como um todo. A EMES sempre atendeu a demandas políticas e sociais, com seus corais, orquestras e bandas, mas o apoio dos governantes nunca foi consistente. Hoje, vejo que o atual diretor, Fabiano Araújo, tem uma boa relação com o governo e está conseguindo avanços, mas a faculdade sempre dependeu mais de seus próprios esforços.

P: Em 1980, o diretor Michel Mameri elaborou uma lista tríplice com a senhora, Natércia [Lopes] e Gracinha Neves. O governador Eurico Vieira nomeou Gracinha, o que desagradou Natércia, que havia sido a mais votada internamente. Isso gerou conflitos na EMES. Em 1981, o festival de música de Mozart a Bartók recebeu críticas negativas, e o presidente do diretório acadêmico declarou que os conflitos entre professores estavam afetando os alunos. A senhora acredita que isso impactou o curso e a permanência dos alunos?

I: Eu vivi isso de perto. Na época, era muito amiga de Natércia, e ela me incluiu na lista tríplice, junto com Gracinha. Quando Gracinha foi nomeada, Natércia ficou revoltada, e eu fiquei no meio do conflito. Briguei com Gracinha por 30 anos, defendendo Natércia. Foi uma época muito difícil, com muitas reuniões tensas e idas ao Palácio [Anchieta] para tentar demitir Gracinha. Hoje, vejo que brigamos por tão pouco. Gracinha e eu nos reconciliamos, mas na época, o clima era terrível. Esses conflitos repercutiram na sociedade e afetaram os alunos, com muitas fofocas e conversas de corredor.

P: Em 1986, Gracinha pediu licença sem vencimentos, e a senhora sugeriu que fosse aceito o afastamento, pois ela estava causando problemas no departamento de piano. Que problemas eram esses?

I: Não me lembro disso. Acho que há muito folclore em torno desses fatos. No livro *Notas sobre a FAMES*, há uma frase que me deixou chateada, dizendo que eu consegui demitir Gracinha. Na verdade, todos queriam que ela fosse demitida, mas eu acabei sendo a

voz que assumiu a frente. Hoje, Gracinha e eu somos amigas, mas na época, a briga entre ela e Natércia era intensa e afetou muito o ambiente da faculdade.

P: Esses conflitos impactaram os alunos?

I: Sim, principalmente por causa das fofocas e conversas nos corredores. Professores falavam mal uns dos outros na frente dos alunos, o que criava um clima ruim. Mas não acredito que tenha levado alunos a desistir. Cada um queria estudar, apesar do ambiente conturbado.

P: E as críticas ao festival de Mozart a Bartók? Houve realmente uma queda na qualidade musical?

I: Não acredito nisso. Acho que as críticas foram motivadas pelas rivalidades internas. Quem era contra Gracinha usou o festival para atacá-la. Todos os eventos com professores de fora trouxeram contribuições positivas. O nível dos alunos sempre foi bom; eles tinham que se apresentar, fazer provas e recitais. Os conflitos eram mais entre os professores, mas o ensino em si não foi prejudicado.

P: E como a senhora avalia sua atuação nesses conflitos?

I: Sou taurina e, como dizem, "dou um boi para não entrar na briga, e uma boiada para não sair". Sempre estive à frente das situações, tanto nas boas quanto nas más. Foi uma época difícil, mas hoje vejo que o tempo cura muitas coisas.

P: Na década de 90, a FAMES enfrentou a necessidade de novas contratações devido ao grande número de alunos (1.336 matriculados) e a falta de professores. Houve tentativas de fortalecer a escola com eventos importantes e a presença de autoridades governamentais, mas também ocorreu o primeiro movimento grevista. Em 1992, houve um concurso público, mas o quadro docente continuou deficitário por causa da política inflacionária do Governo Federal. Como foi esse período, especialmente para o departamento de Piano?

I: O departamento de Piano nunca foi deficitário. Havia muitos alunos e professores, e o concurso de 1992, durante a gestão de Sônia Cabral, foi um marco. Ela trouxe professores de fora para preparar os nossos e organizou bancas externas para o concurso. Quase todos os professores que estavam em situação irregular foram regularizados. Foi um concurso muito bem feito e necessário, já que a demanda por vagas era enorme. Antes, os DTs eram

convidados sem processo seletivo. A partir da gestão da Raquel Bianca, começaram a ser realizadas seleções com provas e apresentações. Mesmo assim, a demanda era tão grande que os corredores ficavam lotados. No departamento de Piano, nunca faltaram professores, e as turmas eram grandes, com cerca de 250 alunos entre o preparatório e a graduação. Foi uma época áurea para o piano, que se manteve forte até por volta de 2010. Havia muitas batalhas com o Conselho Estadual de Educação, pois eles não entendiam a especificidade da FAMES. Por exemplo, para instrumentos como fagote e oboé, havia apenas um ou dois alunos, mas era necessário contratar um professor específico. O Conselho queria que o professor tivesse mais alunos, mas isso não era viável. O professor acabava assumindo outras atividades, mas a contratação era essencial. Começamos a realizar formaturas no Teatro Carlos Gomes, com todo o cerimonial e a presença de autoridades. Antes, a FAMES não tinha esse tipo de reconhecimento. Foi um passo importante para valorizar a instituição e os alunos.

P: E então, em 1996, a senhora assumiu a direção, certo?

I: Sim, foi por eleição entre alunos e funcionários. Eu e a Beatriz Abaurre, que foi minha vice-diretora, fomos candidatas únicas. Ninguém mais quis, porque era um cargo muito difícil e pouco desejado.

P: E nesse período, a senhora também era responsável pela organização dos eventos.

I: Sim, eu acumulava funções, incluindo assessoria de imprensa, já que não existia esse departamento. A faculdade precisava ser divulgada, e começamos a buscar jornalistas, com a ajuda de algumas professoras que tinham contatos com políticos ou jornalistas.

P: Nesse contexto, o governo era liderado pelo Victor Buaiz, e houve atrasos nas folhas de pagamento, certo?

I: Sim, foram muitos atrasos. Chegamos a ter oito meses de atraso nos salários, e isso foi muito difícil. Foi também nesse período que a escola estava prestes a ser extinta.

P: E havia um boato de que o governo tinha um decreto para transferir a EMES para a UFES. Caso isso não acontecesse, a escola seria extinta, não é?

I: Sim, e o secretário de Administração Pública pediu que demitíssemos 50% dos servidores. Isso não foi aceito, pois foi uma medida geral, não apenas para a faculdade. Na

época, eu não tinha Assessoria Jurídica, e só contava com um advogado da Secretaria de Administração. Numa reunião com o doutor Pedro Ivo, eu disse que não faria as demissões. Alguns professores sugeriram que eu aproveitasse a situação para demitir pessoas que não gostavam de mim, mas eu sempre me recusei. Foi um período muito difícil emocionalmente.

P: Como surgiu a parceria com figuras políticas?

I: Foi durante essa crise. Eu precisava de apoio para divulgar a faculdade, que estava muito isolada. Começamos a apresentar a escola na Câmara Municipal e, depois, na Assembleia Legislativa. Foi então que me aproximei do deputado Magno Malta, pois precisava de alguém para ajudar. Uma aluna da faculdade, que trabalhava com ele, sugeriu que conversássemos com ele, e assim fizemos. A partir daí, conseguimos apoio, e a situação se resolveu. Tínhamos dificuldades como cortes de energia e salários atrasados, mas, apesar de tudo, a comunidade da faculdade estava unida e conseguimos superar os desafios.

P: Como a senhora enxerga o papel das figuras políticas que se relacionaram com a FAMES?

I: Quando eu precisei, especialmente durante a ameaça de extinção da FAMES, a ajuda política foi essencial. Eu não sabia como lidar, mas fui orientada e consegui chegar até os políticos. Às vezes, ficávamos esperando para sermos atendidos, mas era uma questão de insistência. Naquela época, a Faculdade de Música não tinha muita importância para eles. Hoje, isso mudou bastante, mas antes a gente não era visto. Foi crucial mostrar para eles que a FAMES era importante, que havia muitas profissões envolvidas. Sempre estávamos prontos para tocar em eventos, mas apoio político, de fato, não tivemos. Com o tempo, os diretores mais jovens, politicamente mais ativos, conseguiram trazer mudanças. Aquele concerto na Câmara foi um divisor de águas.

P: Mesmo com a repercussão desse ato, a escola ainda enfrentou pressão para que a senhora providenciasse a lista de demissões. A senhora postergou isso até uma audiência com o Governador, onde foi decidido que a demissão ficaria em segundo plano, mas com ameaças para a próxima gestão.

I: Mas essa ameaça nunca foi cumprida. A gente se rebelou e ficou firme. A faculdade estava de pé.

P: E sobre o mercado de trabalho em música, nesse período os professores sentiram uma instabilidade profissional, com o medo de demissões a qualquer momento?

I: Sim, havia essa instabilidade. Eu sempre dizia que não ia demitir ninguém, mas a pressão recaiu sobre mim. Os professores estavam apreensivos, mas sabiam que eu estava segurando a barra. Mesmo assim, o medo estava presente, especialmente com as contas atrasadas. Chegou a ser feito um relatório para que a faculdade fosse integrada à UFES, mas, no final, a UFES abriu seu próprio curso, usando nossas informações, mas sem nos integrar. Para nós, seria ótimo, mas não poderia ser feito só o curso superior. Tinha professores que só davam aula para o curso preparatório. O relatório, infelizmente, se perdeu nas gavetas da Secretaria de Educação.

P: Como a senhora vê o mercado de música erudita no Espírito Santo, especialmente para quem faz bacharelado?

I: Hoje, tudo mudou muito. Acredito que os jovens de hoje estudam por amor à música. O futuro para eles pode ser dar aulas, abrir uma escola, como a Janne [Gonçalves] está fazendo, ou seguir a carreira de solista. Para isso, é preciso estudar muito e ter disciplina. A estrutura é fundamental para quem quer se dedicar ao piano, como os meninos que participam de concursos. A Janne, por exemplo, está fazendo um trabalho maravilhoso, ensinando crianças e formando novos músicos. No entanto, aqui em Vitória, o mercado de música clássica é restrito, não há tantos concertos de piano nem orquestras internacionais, como havia no passado. Isso é um desafio, mas, ao mesmo tempo, os jovens têm uma grande oportunidade de filtrar as influências e se aprofundar em grandes compositores como Mozart, Bach e Beethoven.

P: A senhora acha que é mais difícil seguir uma carreira como solista hoje?

I: Com certeza, é mais difícil. Porém, hoje em dia, a internet abriu muitas portas. Você pode fazer aulas online, participar de intercâmbios e assistir a várias interpretações no YouTube. Na minha época, era mais difícil, você tinha que procurar CDs. Mas, ao mesmo tempo, não é fácil. No Brasil, especialmente, a carreira de solista é um desafio, já que a estrutura de festivais e apresentações é bem diferente da Europa. Por outro lado, no Brasil, eventos como o festival de Domingos Martins ainda mantêm um espaço para a música erudita, embora tenha se diversificado. Acredito que, se alguém quiser seguir a carreira

erudita, como a Janne, é fundamental se aperfeiçoar constantemente e buscar conexões internacionais. A disciplina e a prática são essenciais, como em qualquer outra carreira.

P: Para a senhora há uma relação entre as diretoras da FAMES, que eram pianistas, e a valorização da música erudita na escola? Ricardinha Stamatto, Áurea Adnet, Anny Cabral, Gracinha Neves, Raquel Bianca, Heloísa [Schaydegger], Lelis Boechat, Sônia Cabral..

I: Com certeza há uma relação. Nós, pianistas, sempre promovemos mais eventos, acolhemos os alunos e incentivamos a música erudita, além de integrá-la com a música de câmara. O piano tem esse papel agregador. Porém, as gestões que não eram formadas por músicos de erudito, embora tivessem sua importância, não tinham o mesmo foco. Na época, os diretores eram mais voltados para a música e a escola tinha uma abordagem mais tradicional, com peças mais difíceis e concertos desafiadores, como os de Chopin e Liszt. Depois, com a chegada de gestores com outra visão, a escola se modernizou e se adaptou à era digital. Acredito que houve uma mudança de enfoque, com uma maior flexibilidade na abordagem dos estudos.

P: Na época, o programa de peças era maior?

I: Não me lembro de ser mais extenso, mas as peças eram mais difíceis. A complexidade era bem maior.

P: Em 1998, na gestão do Nelson Gonçalves, houve a democratização do acesso à escola. Ele popularizou a instituição e incentivou músicos da Polícia Militar e da Orquestra Filarmônica a ingressarem no curso de bacharelado. Como isso afetou o curso de piano?

I: Isso expandiu a escola. Antes, os alunos sabiam que havia uma orquestra, uma possibilidade profissional ali, com a criação da banda sinfônica e outras oportunidades. O piano passou a não ser mais a primeira opção, com a inclusão de outros instrumentos e a música popular ganhando força. Na época do Nelson, trabalhei como professora de música de câmara, dando suporte a ele. Tinha uma diversidade maior de alunos, e isso mudou a dinâmica do curso de piano.

P: Em 2004, o nome da faculdade foi alterado para Fames. O que mudou na estrutura do curso de piano?

I: Eu era Assessora Acadêmica na época da Heloisa. Foi uma fase muito boa para a faculdade, com um apoio significativo do governo, o que possibilitou a compra de novos pianos e o fortalecimento dos cursos. Em 2005, tivemos um grande avanço estrutural. Isso também contribuiu para o crescimento das atividades artísticas, como o concurso Sônia Cabral, que eu organizei.

P: O concurso Sônia Cabral foi importante para os pianistas. Inclusive, em 2006, tivemos outros concursos como o Áurea Adnet e o Anny Cabral, com destaque para os pianistas. Como estava a estrutura do curso de piano na época?

I: Naquela época, havia uma boa estrutura. Tínhamos cerca de sete professores de piano, e a procura ainda era grande. Muitos alunos, mesmo com outras carreiras, continuavam a estudar piano. A demanda era alta, mas, como no Brasil a carreira de pianista solo é difícil, muitos optavam por uma profissão paralela que os sustentasse, como medicina ou direito. Mas alguns, como o César Birschner, que foi aprovado na École Normale de Paris, conseguiram seguir uma carreira internacional.

P: E como os concursos e festivais ajudaram esses alunos?

I: Foram fundamentais. Os alunos que venceram esses concursos, como Elenisio Rodrigues e Andrei Liquer, se destacaram muito, e isso foi uma grande vitória para a faculdade. Mas, infelizmente, são poucos os que realmente vivem da música, especialmente no Brasil. Hoje, o trabalho da Janne Gonçalves é o que a FAMES deveria estar fazendo: investir nos alunos e formar músicos. Ela está fazendo um trabalho maravilhoso. Eu sou muito entusiasta da música clássica. Ver os jovens tocando e se dedicando é maravilhoso. Mas o mercado é complicado, especialmente com a música de qualidade sendo cada vez mais rarefeita.

P: Comente sobre a educação musical de base, como os cursos de extensão e musicalização, e o que é oferecido para os alunos ingressarem no bacharelado.

I: A procura era muito grande. As crianças e adolescentes eram incentivados a estudar música, e entrar na faculdade de música era o sonho de muitos. Quando criaram o curso de musicalização infantil, foi um grande passo. As crianças entravam com cerca de 5 anos e eram musicalizadas, participavam de corais, ouviam vários instrumentos, e até faziam

musicais no final do ano. O coral "Os Curumins" foi um grande sucesso na época, levando apresentações para diversas universidades. O incentivo à música sempre foi forte.

P: Quando o curso de musicalização infantil começou?

I: Foi na época da Rosângela Fernandes, por volta de 2000, 2002. As crianças começavam com pouca experiência e, ao longo do tempo, se envolviam com várias atividades musicais. Essa formação base sempre foi importante para preparar os alunos para o ingresso na graduação.

P: Os alunos que faziam musicalização e os cursos de extensão geralmente ingressavam na graduação?

I: Sim, a maioria seguia para a graduação. Além dos cursos preparatórios, muitos alunos também estudavam por conta própria para se preparar. A Faculdade de Música sempre foi a referência no Espírito Santo.

P: O ensino dos cursos de base preparava bem os alunos para o bacharelado?

I: Eu acredito que sim. A faculdade oferecia cursos de teoria para preparar alunos que vinham de fora. Muitos estudavam piano com professores particulares, mas a faculdade sempre teve uma forte base teórica. O incentivo sempre foi muito grande.

P: Nos últimos anos, o número de alunos na musicalização e no CFM [Curso de Formação Musical] caiu, e a graduação não recebe mais tantos alunos desses cursos. Você acha que isso tem relação com a falta de uma educação de base ou com outras questões?

I: Não vivi essa parte mais recente, mas fico triste com a diminuição do interesse. Nos anos 70, 80, 90 e até 2010, 2012, era um grande sonho para muitos entrar na Faculdade de Música. Essa queda é estranha, especialmente porque as escolas particulares oferecem muito conteúdo de qualidade. Eu não sei o que causou essa diminuição na procura, mas acredito que são sinais dos tempos. Os jovens hoje têm muitas outras opções. A questão financeira também pesa, e muitos buscam profissões que garantam mais sustento.

P: O curso de canto tem sido o que mais tem procura, mas as vagas ainda não são todas preenchidas para instrumentos como piano, violino, flauta...

I: Ah, sempre sobra, né? Muitos alunos desistem por dificuldades no curso ou por ser um curso integral, o que dificulta a manutenção. Mas é preciso muita dedicação, e todo mundo acha que é só sentar e tocar, mas não é isso.

P: Você vê essa baixa procura mais como fatores externos?

I: Com certeza. A educação no país é um desastre e, para muitos, a música não é mais uma prioridade. Há também a opção de ganhar dinheiro com músicas mais simples e populares, o que faz com que o piano, por exemplo, fique em segundo plano. É triste, porque vejo jovens como você se dedicando ao piano, e isso é muito agradável.

P: Durante sua experiência como pianista e professora, o que a senhora percebeu sobre as possibilidades de atuação no mercado de trabalho aqui no Estado? Para que tipo de atuação alguns ex-alunos seguiram?

I: A maioria dos alunos formados foi para a área acadêmica, para dar aulas ou formar suas próprias escolas. Muitos se profissionalizaram tocando em eventos, como casamentos e convenções. Por exemplo, o grupo "Sonata" do Hariton [Nathanailidis] se dedicou a tocar em eventos para sustento. Para ser solista ou concertista, hoje é bem mais difícil, e os alunos tendem a seguir para a docência ou eventos. Alguns alunos têm carreira internacional, mas a maioria acaba sendo professor ou tocando em eventos.

P: Como a senhora vê a relação entre a graduação e a atuação de pianistas solistas no mercado de trabalho?

I: Quando entrei na graduação, o curso sempre foi voltado para a performance. O foco estava em um repertório amplo, do Barroco ao Romântico, e no estudo profundo da história da música e da arte. Porém, com a realidade atual, os alunos sabem o quanto precisam se dedicar para se tornar bons. Hoje em dia, é quase impossível ser apenas solista, principalmente em Vitória. Aqui, quem consegue seguir carreira acaba indo para a docência, o que é maravilhoso, pois abre portas para intercâmbios e mais oportunidades. Com a performance, o aluno também aprende a dar aula. E, embora a licenciatura tenha disciplinas didáticas, a graduação de bacharelado não inclui isso diretamente.

P: No novo PPC, foram incluídas disciplinas que incentivam mais a pesquisa e a pedagogia da performance.

I: Então, a FAMES abriu bastante esse escopo de disciplina. Vocês estudam várias disciplinas, além do piano, como harmonia, contraponto, história da música, psicologia, sociologia, e mais. Isso amplia bastante o escopo do curso. A única dificuldade será conciliar tudo isso com o tempo de estudo de piano. Na minha época, o foco era totalmente na performance, e essas áreas como psicologia da música nem existiam. A gente aprendia muito de forma intuitiva, por gostar e se aprofundar.

P: A senhora acredita que uma possível falta de articulação entre o currículo do curso e a realidade dos estudantes tem influenciado o interesse deles pela faculdade?

I: Sim, a realidade mudou muito. Antigamente, todo mundo queria estudar música, mas hoje as opções são tantas que os jovens acabam se perdendo. O foco agora está mais voltado para a pesquisa, e eu acredito que isso não ajuda no interesse. A faculdade sempre foi uma referência, mas, talvez, o foco atual não esteja atraindo tanto os alunos. Não sei dizer o motivo exato dessa queda, mas a estrutura e a direção da faculdade influenciam.

P: E a senhora acha que isso pode ter auxiliado nessa questão dos alunos agora terem menos interesse?

I: Eu não acho que o foco da pesquisa seja o problema. Se você entrar no curso, vai ver que a parte de performance ainda está lá, com muito rigor. O problema é que o cenário mudou. Hoje, os jovens têm várias opções e precisam se sustentar, o que torna o curso mais difícil. Na minha época, era diferente, as pessoas tinham o foco em estudar música com mais dedicação. Hoje, o mercado e as opções são muitos, e os talentos estão aí, mas é preciso muito mais esforço.

P: A senhora acha que o fato de muitos músicos precisarem trabalhar desde cedo pode dificultar a graduação, especialmente com a carga horária necessária?

I: Sim, eu acho que a parte financeira pesa muito. É difícil estudar música e ao mesmo tempo sustentar-se. Claro, se você realmente tem paixão e talento, você pode fazer qualquer curso e se dedicar ao que gosta. Não é fácil, mas quem tem aptidão e vontade vai passar pelos obstáculos. Eu vejo muitos músicos que não fizeram graduação, mas conseguiram conquistar seu espaço. O que importa é a dedicação e o amor pelo que se faz. Não é só porque não é valorizado que você não vai se destacar. Se você realmente se dedicar, vai conseguir.

P: A senhora acha que, com essa realidade, o músico pode atingir seus objetivos?

I: Claro! Depende muito da pessoa. Se você tem o dom e a vontade de estudar, vai encontrar meios de superar as dificuldades. Não é fácil, mas vale a pena. Eu sempre gostei de dar aula e vi muitos alunos se transformando, sentindo a música de forma única. Quando você encontra essa maturidade na música, é algo maravilhoso. Então, sim, tem que estudar, tem que investir na música. A faculdade de música é o caminho certo. A música é divina, e o esforço compensa.

P: A senhora acredita que a FAMES, na sua época, usava uma metodologia conservatorial? E como a senhora vê a evolução desse método?

I: Na minha época, até 2010, não havia uma metodologia estruturada como temos hoje. Era mais no estilo de conservatório, com uma abordagem bem fechada. Porém, aos poucos, houve uma abertura para outras abordagens, especialmente em termos de pesquisa. Em relação à pedagogia, eu percebo que o pensamento evoluiu muito. Eu, pessoalmente, era muito intuitiva e não havia um método formal de ensino. As coisas eram mais espontâneas.

P: E as avaliações na sua época? Eram mais subjetivas?

I: Sim, eram muito subjetivas. O julgamento sobre a execução de uma peça, como uma obra de Bach, variava de professor para professor. Não havia um critério fixo. A avaliação era discutida nas bancas, e cada professor tinha sua visão pessoal sobre o que era bom. Eu gostava muito de assistir a concursos de música para ver como os jurados avaliavam os músicos, porque eles valorizavam aspectos como timbre e expressão, o que era bem enriquecedor.

P: Quais são as semelhanças e diferenças entre as primeiras turmas de piano, nos anos 70, e as turmas que surgiram até 2017?

I: Eu percebi que as coisas boas sempre permaneceram. O que mudou foi a abordagem dos alunos. A geração mais nova é muito mais aberta, tem acesso a muita informação e são mais flexíveis, não tão rígidas como nós éramos. Na nossa época, tínhamos que obedecer mais aos professores. Hoje, vejo mais interação entre professor e aluno, o que eu considero uma grande evolução. Eu gostava muito de perguntar aos meus alunos o que

eles achavam de determinada peça, e às vezes, a ideia deles era até melhor do que a minha! Isso cria um ambiente de aprendizado mais colaborativo.

P: Como a senhora vê a relação professor-aluno, especialmente no ensino da disciplina de piano, no que se refere à escolha de repertório, avaliação e metodologia de ensino?

I: Para mim, a escolha do repertório sempre começou com a necessidade de conhecer o aluno. Eu procurava entender as dificuldades técnicas e, se o aluno já demonstrava algum talento, então começava a sugerir peças. Mas nunca gostei de impor; preferia que o aluno ouvisse as peças primeiro para ver se ele se conectava com elas. Acho que a relação de ensino precisa ser afetiva. Sempre busquei tocar emocionalmente os alunos. Para mim, a música tem que ser sentida, e é essa relação de afeto que possibilita o aprendizado real. Eu era muito envolvida com o aluno. Acredito que, para ensinar qualquer disciplina, é essencial criar uma conexão afetiva.

P: E como a senhora vê a didática de seus colegas professores? Era mais diversificada?

I: Sim, havia variações. Alguns eram mais ríspidos, outros mais afetivos, mas a maioria da minha geração de professores era muito acolhedora, como uma mãe. Dávamos aulas fora do horário e incentivávamos os alunos. Eu me sinto muito feliz por ter feito parte de uma geração de professores que viveu um momento muito produtivo artisticamente. Era uma época em que a música e o ensino estavam muito centrados na experiência direta, no contato com os alunos. Hoje, a coisa mudou muito com a chegada da pesquisa e da tecnologia, mas ainda acredito que o sentimento de amor pela música e pelos alunos é o que realmente move os bons professores.

P: O amor pela música é o que prevalece.

I: Com certeza. O amor pela música e pelo aluno. A música tem esse poder de nos conectar emocionalmente, e essa conexão é o que realmente faz a diferença no ensino. O afeto é fundamental para um bom aprendizado.

P: Como você avalia sua formação na FAMES e sua trajetória na instituição, considerando sua inserção no mercado de trabalho?

I: Eu não planejei nada, mas a trajetória foi fluindo naturalmente. Eu vim do interior, já com experiência no curso técnico, e entrei na faculdade de música porque sempre fui apaixonada pela música. Fui assumindo responsabilidades aos poucos, me envolvi profundamente com a FAMES e sempre busquei contribuir. A faculdade foi fundamental para a minha construção pessoal e profissional. Lá, fiz muitas amizades, vivi desafios e, no final, me senti realizada. Para mim, a FAMES abriu muitas portas e me ajudou a me tornar uma pessoa mais compassiva, mais compreensiva, e mais focada no máximo de cada aluno. Sou muito grata pela minha formação, que me preparou para o mercado de trabalho, além de ter me ajudado a crescer como ser humano.

P: Você acha que o curso de bacharelado te preparou para o mercado de trabalho?

I: Com certeza. O curso exigiu muito estudo, dedicação e sempre busquei me aprimorar. Foi um processo de muito esforço e dificuldades, mas também de muito aprendizado. Não só como pianista, mas como pessoa. A faculdade me formou para lidar com as diferenças dos alunos, entender os limites de cada um e saber comemorar os progressos, mesmo que pequenos. Agradeço profundamente à faculdade, porque, através dela, me tornei uma pessoa melhor, mais capaz e mais empática.

Considerações Finais

A partir de sua experiência como educadora e musicista, Isa Boechat compartilhou sua visão sobre o papel transformador da educação musical, especialmente no contexto atual em que a música erudita se insere em um cenário dinâmico, constantemente influenciado e negociado por outras manifestações culturais. Seu depoimento iluminou não apenas a importância da formação musical tradicional, mas também o impacto social da música, que, para ela, transcende o aspecto técnico e artístico, contribuindo para a construção de uma identidade cultural mais inclusiva e plural no Brasil.

Além disso, os relatos de Isa fornecem uma reflexão sobre a evolução dos modelos pedagógicos da FAMES, destacando como a instituição acompanhou as mudanças na educação musical no país. A conversa revelou tanto os avanços significativos quanto os desafios enfrentados pela música erudita no Espírito Santo, considerando as novas demandas e a crescente valorização de uma abordagem crítica e consciente do fazer artístico.

A trajetória de Isa Boechat na Escola de Música do Espírito Santo (EMES), posteriormente Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES), destaca sua experiência como professora, pianista e gestora. Ela ingressou na EMES enquanto cursava o ensino superior e, ao longo dos anos, assumiu diversos cargos, como chefe do departamento de piano e diretora, dedicando-se à vida acadêmica dos alunos e à organização de eventos como recitais e concursos.

A entrevistada reflete sobre o perfil dos alunos e professores de piano, predominantemente mulheres, muitos vindos de famílias de classe média alta ou de igrejas. A maioria dos graduados seguia para a docência ou tocava em eventos, já que a carreira de solista era difícil. Ela também comenta a evolução do curso de piano, que passou a incluir mais disciplinas e uma abordagem mais ampla. Isa reflete também sobre o mercado de trabalho, destacando que a maioria dos músicos acaba atuando como professores ou em eventos, enquanto poucos seguem carreira como solistas. Ela reconhece os desafios da carreira musical, especialmente no Brasil, mas enfatiza a importância do amor pela música e da dedicação para superar obstáculos.

Por fim, Isa avalia sua trajetória na FAMES como uma experiência enriquecedora, que a ajudou a crescer profissional e pessoalmente. Ela destaca a importância da música em sua vida e acredita que o afeto e a paixão pelo ensino são fundamentais para o sucesso dos alunos. A entrevista revela uma história de superação, dedicação e contribuição significativa para a educação musical no Espírito Santo.

A trajetória de Isa Boechat é um retrato da transformação da música e da educação musical em Vitória e na FAMES ao longo das décadas, sendo uma das figuras centrais que contribuíram para o desenvolvimento e a consolidação da instituição. Sua história, entrelaçada com a da FAMES, revela não apenas a persistência e os desafios enfrentados pela educação musical, mas também a importância da música como uma expressão cultural e de afeto. Isa destacou a importância da educação de base e da formação docente, reconhecendo as limitações do mercado de trabalho e a desvalorização da música erudita. Para ela, a FAMES sempre foi mais do que uma escola, mas também um espaço de resistência cultural.

Em síntese, o depoimento de Isa Boechat reafirma a relevância de compreender a formação pianística na FAMES a partir de sua história, de seus desafios e de suas

transformações ao longo das décadas. Sua trajetória evidencia tanto as conquistas quanto as fragilidades do ensino de piano erudito no Espírito Santo, apontando para a necessidade de um olhar contínuo e crítico sobre a preparação dos estudantes para o mercado de trabalho. Ao reunir memória institucional, reflexão pedagógica e vivência profissional, a entrevista reforça a importância de se valorizar o papel da música e de seus educadores na construção cultural do Estado, oferecendo subsídios essenciais para futuros estudos e para o aprimoramento da formação musical na região.

DADOS DO AUTOR

Paula Bianchi é pianista e mestrande em Performance Musical (Piano) na Sam Houston State University (EUA), onde atua como Graduate Assistant. Possui pós-graduação em Psicologia da Educação pela Faculdade de Vitória e bacharelado em Música com habilitação em Piano pela Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES), onde foi monitora e bolsista de iniciação científica com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) nos grupos de pesquisa GEPPi (Performance e Pedagogia Instrumental) e GPEMUS (Musicologia).

Fernando Magre é musicólogo, Professor Titular de Musicologia Histórica na Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES) e Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutor em Música pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Mestre em Musicologia pela Universidade de São Paulo (USP), ambos com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Graduado em Licenciatura em Música pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisador colaborador no Centro de Estudos em Música (CESEM, Universidade Nova de Lisboa), no Centro de Documentação de Música Contemporânea (CDMC/UNICAMP) e no Centro de Estudos em Música e Mídia (MusiMid). Vencedor do II prêmio Otto Mayer-Serra Award for Music Research da Universidade da Califórnia-Riverside, edição de 2022. Em 2023 foi pesquisador visitante no Dipartimento di Musicologia e Beni Culturali, da Università Degli Studi di Pavia, Cremona (Itália). Realizou estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, com pesquisa sobre a obra composicional de Damiano Cozzella, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.